



## DENIS COSGROVE – A PAISAGEM E AS IMAGENS

■ ROBERTO LOBATO CORRÊA - UFRJ E NEPEC

**RESUMO:** O TEXTO TEM O OBJETIVO DE ANTECIPAR UMA APECIAÇÃO QUE DEVERIA ESPERAR ALGUNS ANOS MAIS PARA FAZER JUS À OBRA DE DENIS COSGROVE (1948-2008). ELE, ATRAVÉS DA SUA PAIXÃO PELA GEOGRAFIA, SUSTENTOU O PAPEL QUE DESEMPENHOU NA DISCIPLINA E QUE SERÁ DISCUTIDO NESSE ARTIGO, ATRAVÉS DE UMA BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE COSGROVE E SUAS CONTRIBUIÇÕES. ASSIM, COMO TAMBÉM SERÁ DISCUTIDA A TEMÁTICA DA QUAL A DENOMINADA NOVA GEOGRAFIA CULTURAL EMERGE E OUTRAS TEMÁTICAS MAIS RECENTES.

**PALAVRAS CHAVE:** DENIS COSGROVE, NOVA GEOGRAFIA CULTURAL, PAISAGEM E IMAGENS.

Denis Cosgrove (1948-2008) inscreve-se entre aqueles cujas contribuições à geografia, desconstruindo e reconstruindo conceitos e temas, fizeram a disciplina avançar. Na obra deste importante geógrafo encontram-se textos que se tornaram referências básicas na geografia cultural e geografia histórica. Seu talento, criatividade e paixão pela geografia sustentaram o papel que desempenhou na disciplina. “A geografia está em toda parte”, afirma ele, embora nem sempre sejamos suficientemente geógrafos para isto perceber, acrescentamos. Ele próprio considerava-se geógrafo 24 horas por dia, estivesse onde estivesse (Cosgrove, 1989/1998).

O presente texto antecipa uma apreciação que deveria esperar alguns anos mais para fazer jus à obra de Cosgrove. Este texto apoia-se, em parte, em Lilley (2004, 2009) e amplia o texto de Corrêa (2009). Divide-se em quatro partes, na primeira apresentando-se o contexto no qual a denominada nova geografia cultural emerge. A segunda parte apresenta o geógrafo, enquanto na terceira procura-se resgatar e discutir a contribuição de Cosgrove à temática da paisagem. A última parte aborda temas mais recentes tratados por Cosgrove, temas em torno de imagens. Outros temas de interesse para Cosgrove não serão aqui abordados.

## 1. O CONTEXTO DA EMERGÊNCIA DA NOVA GEOGRAFIA CULTURAL

---

A década de 1970 marcou a geografia pela incorporação de novas matrizes epistemológicas, teóricas e metodológicas como, entre outros, apontam Capel (1981) e Gomes (1996). A incorporação do materialismo histórico e dialético, com expressiva intensidade no mundo de língua inglesa, levou à criação, já em 1969, do periódico *Antipode – A Radical Journal of Geography*. Esta matriz teve importante impacto na constituição da nova geografia cultural. Paralelamente a fenomenologia e a hermenêutica, matrizes contrastantes ao materialismo histórico e dialético, geraram, a primeira, o desenvolvimento da geografia humanista, liderada por Yi-Fu Tuan, enquanto a segunda desempenhou importante papel na nova geografia cultural. Em realidade, as três matrizes influenciaram a nova geografia cultural.

Foi nos Estados Unidos, onde a geografia cultural estava fortemente enraizada sob a liderança de Carl Sauer, falecido em 1975, que as transformações na geografia cultural foram intensas. A crítica de Duncan (2003/1980) sobre a visão de cultura como entidade supraorgânica, subjacente à perspectiva saueriana, constitui-se em um dos pilares da crítica à geografia cultural saueriana. Duncan tornou-se um dos expoentes da nova geografia cultural. Seu livro sobre as representações da paisagem da cidade de Kandy, no Sri Lanka, constitui um marco da nova geografia cultural (Duncan, 1990).

Na Inglaterra a geografia cultural não tinha a expressão que tinha nos Estados Unidos. A

geografia social, por outro lado, tinha expressão e dela saíram geógrafos, como Peter Jackson, que criariam uma geografia cultural semelhante à versão norte-americana renovada. Esta geografia cultural inglesa foi profundamente influenciada pelas ideias desenvolvidas no Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, liderado por Stuart Hall. Foi influenciada também por Raymond Williams, professor em Oxford. Williams critica a visão de cultura como superestrutura, admitindo-a como simultaneamente reflexo, meio e condição. Por outro lado, distingue culturas dominante, residual e emergente, resgatando ainda a ideia gramsciana de hegemonia cultural. Williams e Hall fundaram o periódico *New Left Review*. Consulte-se, a respeito, Jackson (1989), Mitchell (2004) e Mitchell e Breitbach (2004). Veja-se ainda Schulman (2004).

Foi da desigual combinação de distintas fontes que emergiu a nova geografia cultural. Há um legado saueriano, a contribuição da tradição inglesa de geografia social, assim como os aportes da fenomenologia, hermenêutica, materialismo histórico e dialético, das ciências sociais como a antropologia interpretativa, linguística, história da arte e semiótica. Trata-se de uma heterotopia (Duncan, 2000) na qual estão presentes, entre outros, Barthes, Bourdieu, Eagleton, Eliade, Foucault, Geertz, Gombrich, Gramsci, Heidegger, Panofsky e Williams. A geografia cultural pós-1980 diversificou muito as conexões com outras áreas do conhecimento. A heterotopia, por outro lado, gerou inúmeros debates internos, envolvendo geógrafos sauerianos e não-sauerianos e entre

geógrafos da nova geografia cultural. Consulte-se, a respeito, o número 8, de 1999, da revista *Espaço e Cultura*, que reproduz o debate envolvendo, de um lado, Don Mitchell e, de outro, Peter Jackson, Nancy e James Duncan e Denis Cosgrove, debate centrado em torno do conceito de cultura.

A história de Denis Cosgrove está profundamente inscrita no contexto acima descrito. Inscrição ativa, pois participou intensamente na construção da nova geografia cultural em seus anos formativos e de consolidação, da década de 1970 ao início dos anos 1990. Mas como se verá, a sua participação ativa prosseguirá. Trata-se de integração entre contexto e autor, entre o geral e o singular, um se expressando no outro, mas cada um dotado de sua própria autonomia.

## 2. O GEÓGRAFO \_\_\_\_\_

Denis Cosgrove nasceu em Liverpool, Inglaterra. Criado em uma família católica, estudou na Saint Francis Xavier School, dos jesuítas. De acordo com Lilley (2009), a influência da religião levou-o a interessar-se pelas formas simbólicas do catolicismo, sobretudo aquelas da Itália, e pelo papel que desempenharam na criação de significados culturais e geográficos. Em 1969, conclui o bacharelado no Saint Catherine's College, em Oxford, e em 1971, o mestrado na Universidade de Toronto, no Canadá. Doutorou-se em 1976 pela Oxford Polytechnic, atual Oxford Brookes University, com tese de geografia histórico-cultural sobre a paisagem da cidade italiana de Vicenza e da região do Vêneto no

século XVI. Desta tese sairia, em 1993, o livro *The Palladian Landscape*, conforme aponta Lowenthal (2008) que participou de sua banca de doutoramento.

A carreira profissional de Denis Cosgrove inicia-se em 1972 na Oxford Polytechnic, onde permaneceu até 1980, quando se transfere para a Loughborough University, onde leciona até 1994. Deste ano até 1999, Cosgrove leciona no Royal Holloway College, University of London, localizado na pequena cidade de Egham, nas proximidades da capital inglesa. Entre 2000 e 2008 ensina na Universidade da Califórnia, campus de Los Angeles, Estados Unidos. Sua fase norte-americana associa-se a interesses acadêmicos distintos daqueles de sua fase britânica. No entanto, não se afasta de sua visão epistemológica anterior, calcada no construcionismo epistemológico.

Cosgrove foi também professor visitante nas universidades do Texas, Oregon, Toronto e no Royal Holloway College. Realizou conferências na Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Em 1993, foi cofundador do periódico *Ecumene – A Geographical Journal of Environment, Culture and Meaning*, alterado mais tarde para *Cultural Geographies*, importante revista da nova geografia cultural. Membro do corpo editorial de inúmeros periódicos científicos, Cosgrove foi também membro do Conselho Consultivo da revista *Espaço e Cultura*, editada pelo NEPEC.

A obra de Cosgrove está condensada na coletânea de ensaios *Geography and Vision: Seeing, Imagining and Representing the World* (Cosgrove, 2008). Olhar, imaginar e representar

constituem uma tríade da qual Cosgrove fez intenso uso. Os 12 ensaios recobrem os grandes focos de seu interesse envolvendo diversas escalas de visão, áreas e diferentes períodos. As visões geográfica e cosmológica da Terra, a paisagem cultural e a visão de John Ruskin, o intelectual do século XIX que, com seus estudos sobre a paisagem muito o influenciou, são temas que Cosgrove aborda nas quatro primeiras partes da coletânea. A visão cartográfica e interpretações a respeito do Pacífico e da linha do Equador contemplam as duas últimas partes. A coletânea ratifica que "a geografia está em toda parte", ao mesmo tempo que sintetiza a obra de Cosgrove.

A obra de Cosgrove revela, especialmente nos primeiros 15-20 anos de sua carreira profissional, uma certa tensão intelectual envolvendo a sua formação católica em Liverpool e o marxismo da academia. Esta tensão, ressalte-se, não é incomum entre intelectuais ocidentais. Esta tensão o teria levado a estudar a arte e a iconografia religiosa da Itália, de um lado, e a interessar-se pela interpretação da realidade calcada no marxismo. Assim, por exemplo, na crítica à geografia saueriana, Cosgrove propõe uma visão marxista para a geografia cultural. Em *Towards a Radical Cultural Geography*, Cosgrove (2003/1983) expõe:

(a) geografia cultural pode seguir o exemplo de Gramsci de lutar para criar uma nova cultura – uma cultura que envolverá as produções de novas paisagens e de novos

significados nas paisagens que já habitamos. (p. 130).

A tensão, no entanto, é positiva, pois dela forjam-se novas ideias que permitem avançar no conhecimento. Cosgrove forjou um sólido humanismo explícito em seus textos produzidos durante sua fase em Los Angeles. Tensão, curiosidade e heterotopia podem caminhar juntos e Cosgrove expressa muito bem esta saudável combinação.

A vida e a obra de Denis Cosgrove constituem motivações para reflexão por parte daqueles que, como ele, têm profunda curiosidade geográfica e se consideram geógrafos em qualquer hora e lugar.

### 3. A PAISAGEM

A paisagem cultural constitui-se, desde o final do século XIX, quando da institucionalização da geografia como disciplina acadêmica, em um de seus mais importantes conceitos-chave. Na Europa, e mais tarde nos Estados Unidos, inúmeros estudos empíricos e reflexões teóricas foram realizados, conferindo à temática, até cerca de 1940, enorme importância. Consulte-se Claval (2004), que resgata a história da produção dos geógrafos sobre a paisagem.

A paisagem, contudo, não é apenas forma material resultante da ação humana transformando a natureza. É também forma simbólica impregnada de valores. Além de sua gênese, estrutura e organização, focos correntes dos geógrafos, é necessário para a sua compreensão que se apreendam os seus significados, pois são estes que

lhe dão sentido (Cassirer, 2001/1923). Ressalte-se que foi John Ruskin (Cosgrove, 1979) quem, no século XIX, sugeriu que a análise da paisagem não deve ater-se apenas à ciência, mas também à experiência que dela se pode ter. Isto possibilita estabelecer significados. Toda ação humana está impregnada de significados, sendo simbólica, argumenta White (1973/1949).

Os significados da paisagem já foram apontados anteriormente, entre outros por Meinig (1979, 2002/1976) e por Rowntree e Conkey (1980). Houve, em realidade, convergência entre geógrafos norte-americanos e ingleses ao considerarem a paisagem como forma simbólica, convergência que favoreceu o desenvolvimento da nova geografia cultural.

Estabelece-se a ruptura na visão única de paisagem, calcada na perspectiva saueriana. A paisagem passa a ser analisada como forma simbólica, sendo a temática, a partir dos anos 70, resgatada sob um novo olhar. Nesse resgate renovado, Denis Cosgrove teve papel crucial graças à qualidade de suas reflexões teóricas e estudos empíricos realizados, sobretudo no momento oportuno da ruptura.

As contribuições de Cosgrove ao tema da paisagem são inúmeras. Apontaremos e discutiremos algumas delas, cientes de que há outras a serem evidenciadas e discutidas. Consideraremos o conceito de paisagem, a formação social e a paisagem e a iconografia da paisagem, envolvendo contribuições teóricas e metodológicas. As três contribuições não são autônomas entre si, estando interligadas dentro de uma mesma concepção teórica e de um mesmo

quadro locacional. A interligação entre elas aparece ainda por não haver uma cronologia linear que as una. Por outro lado, não há uma definição única, fechada, denotando a força do tema em Cosgrove e a constante busca em aprofundar e clarificar o conhecimento da paisagem cultural.

Trata-se, sobretudo da "paisagem palladiana", englobando a área em torno de Veneza, ela própria, a cidade de Vicenza e a 'terra firme', área submetida à drenagem e ocupada agricolamente e com 'vilas' de cidadãos. Esta região teve em sua arquitetura a influência do arquiteto Andreas Palladio que construiu templos, palácios e 'vilas'. Esta paisagem é analisada no século XVI, conferindo aos estudos de Cosgrove o nítido caráter de geografia histórico-cultural. A área e o período estão presentes em grande parte da obra de Cosgrove, desde a década de 1970, quando de seu doutoramento em Oxford, à primeira década do século XXI, quando de sua estada em Los Angeles. *Social Formation* (1984) e *The Palladian Landscape* (1993b) são os principais trabalhos sobre a paisagem. A área e o período, contudo, estão presentes em estudos que constituem desdobramentos temáticos. Exemplifica-se com o estudo sobre a engenharia hidráulica na Veneza do século XVI (1990a) e sobre a cartografia em Veneza no mesmo século (1992): este último antecipa a coletânea *Mappings* (1999b) e *Renaissance Cosmography – 1450-1650*, publicado em 2007.

Ao final desta seção um brevíssimo confronto entre Cosgrove e Sauer será apresentado.

Este conceito é o foco de importantes debates entre geógrafos envolvendo a sua conceitualização, calcada sobretudo em uma perspectiva positivista. Cosgrove critica os diferentes conceitos, incluindo aqueles calcados em perspectivas não positivistas (Cosgrove, 1983, 1985).

Em *Prospect, Perspectives and the Evolution of Landscape Idea*, publicado em 1985, Cosgrove aponta para o fato de que a ideia de paisagem (landscape) no mundo ocidental tem suas origens no Renascimento. A paisagem, segundo Cosgrove, deve ser considerada como “um modo de ver”, associado às transformações econômicas, sociais, políticas, técnicas e artísticas do século XVI e do início do século XVII. A ideia de paisagem que emerge vincula-se à ação prática em um período de transformações na sociedade, envolvendo a apropriação e o controle do espaço, incluindo-se as medições, as representações cartográficas e a pintura, esta última baseada, então, nos avanços da geometria, especialmente da perspectiva linear, que permite representar uma cena, a paisagem, em três dimensões em um plano de duas dimensões. A forma (*shape/scape*) da terra (*land*) pode assim ser pictoricamente representada.

A paisagem, argumenta Cosgrove, tem um sentido político, constituindo-se em uma ideologia visual. Esta ideia de paisagem originária do norte da Itália é levada para a Inglaterra, onde adquire expressão nos séculos XVII e XVIII, no momento em que se verificam importantes mudanças no campo, incluindo a concentração fundiária,

momento em que se desenvolve o gosto pela pintura da paisagem rural, apropriada e transformada pela elite.

Esta interpretação enriquece o debate sobre a paisagem, mas não o esgota já que conceitos podem ser revistos, assim como os significados das palavras. O próprio Cosgrove proporia, com base em Raymond Williams, as noções de paisagem da classe dominante e paisagens alternativas, ou seja, emergentes, residuais e, a partir dele próprio, paisagens excluídas. Todas estas paisagens são dotadas de significados distintos, pois são criadas por distintos grupos sociais. A primeira exhibe o poder da classe dominante, constituindo-se em marca identitária. As outras derivam de grupos sociais emergentes e anunciam o futuro de grupos sociais originários do passado, em decadência, ou associam-se a grupos excluídos. Os exemplos estão em toda parte e suscitam reflexões sobre o papel da paisagem sobre a sociedade. A este respeito Berque (1998/1981) considera a paisagem como sendo simultaneamente marca e matriz.

Cosgrove, em realidade, considera a paisagem como síntese pictórica externa, que representa estaticamente as relações entre vida humana e natureza, constituindo-se em “poderoso meio através do qual sentimentos, ideias e valores são expressos” (Cosgrove, 1993b, p. 8) e simultaneamente modela esses mesmos sentimentos, ideias e valores.

A paisagem, argumenta Cosgrove, pode ser interpretada segundo qualquer aspecto ligado às atividades e crenças humanas, em razão de seu caráter multidimensional. A paisagem torna-se

"paisagem do consumo" ao se considerar o modelo de ocupação suburbana do sul da Califórnia (Cosgrove, 2006). Por outro lado, a paisagem pode ser considerada como mapa, teatro, espetáculo e texto (1993b). Trata-se do emprego de figuras de palavras ou tropos como metáforas, metonímias e sinédoques oriundas das humanidades e não da biologia, como comunidade e metabolismo, ou da física, como gravitação. Veja-se sobre o assunto Cosgrove e Domosh (1993a).

Ao focalizar a paisagem na perspectiva dos significados, Cosgrove (1994) refere-se aos mundos de significados, metáfora dotada de sentido geográfico, pois envolve diferenças espaciais dos significados criados. Nesta criação a imaginação cumpre relevante papel, não sendo nem um produto dos sentidos, nem do intelecto, mas de uma relação entre ambos, "capturando dados sensoriais sem reproduzi-los como se fossem imagens miméticas" (1994/2000, p. 36), transformando-os metaforicamente com novos significados.

A imaginação cumpre importante papel na criação e interpretação da paisagem e os geógrafos, seguindo John Ruskin (Cosgrove, 1979), que no século XIX desenvolveu a capacidade imaginativa para interpretar a paisagem, devem reconhecê-la como importante fonte de inspiração para a interpretação da paisagem. A capacidade interpretativa humana é infundável, produzindo mundos de significados. Um mesmo processo ou forma pode ter significados distintos, de acordo com distintos códigos culturais. Isto nos remete à tese da polivocalidade, isto é, as múltiplas

construções de significados. A polivocalidade tem na imaginação uma de suas fontes e ela se faz presente ao se apresentar a mesma cena a um certo número de pessoas com interesses e visões de mundo diferentes (Meinig, 2002/1976). Sobre polivocalidade consulte-se, entre outros, Hall (1997) e Duncan e Sharp (1993). Com uma perspectiva distinta sobre a paisagem consulte-se Olwig (1996), que retoma a ideia de *Landschaft* enquanto território e comunidade.

#### FORMAÇÃO SOCIAL E PAISAGEM

A compreensão da paisagem enquanto produto cultural, com os seus significados em torno das relações entre sociedade e natureza, implica considerá-la como expressão fenomênica do modo particular como uma específica sociedade está organizada em um dado tempo e espaço, isto é, uma dada formação econômica e social ou simplesmente formação social. A inserção da paisagem em uma formação social constitui uma grande contribuição de Denis Cosgrove (1984), desconectando-a da visão da paisagem como o resultado da cultura – entidade supraorgânica – agindo ao longo do tempo sobre uma paisagem natural, conforme a interpretação saueriana. A paisagem não é apenas o produto, mas um agente ativo que desempenha importante papel na reprodução da cultura.

Veneza e a região do Vêneto constituem um magnífico exemplo de inserção de paisagem criada no Renascimento para materializar o poder de uma classe social vinculada ao sucesso econômico de Veneza por meio da paisagem e de

outras representações. Cosgrove refere-se a ela como “paisagem palladiana” (1993b), com seus templos, palácios e “vilas” localizadas na “terra firme”, área drenada por meio de grandes obras de engenharia hidráulica (1990a). A paisagem palladiana é a expressão da nova formação social que emerge na transição do feudalismo para o capitalismo. Consulte-se particularmente o capítulo 4 de *Social Formation* e o capítulo 2 de *The Palladian Landscape*.

Cosgrove estabelece um contraponto entre a América do Norte vista como uma paisagem e aquela de Veneza e da região do Vêneto. A paisagem norte-americana inscreve-se em outra formação social, não sendo o resultado de uma transformação social interna, correspondendo à transição do feudalismo para o capitalismo, como é o caso de Veneza e do Vêneto. Trata-se de uma formação social que emerge calcada na apropriação daquilo que aos olhos dos europeus constituía-se em “mundo selvagem” (wilderness), apropriação que excluiu a população nativa por meio de limpeza étnica. Mas em ambas, América e norte da Itália, a terra constituía-se na base da formação social, embora as motivações para a criação da paisagem tenham sido diferentes. A Inglaterra é também objeto de análise, sua paisagem e as transformações porque passou, estão inscritas em outra formação social. Consulte-se, respectivamente, em *Social Formation*, os capítulos 6 e 7.

A ICONOGRAFIA DA PAISAGEM \_\_\_\_\_

Do ponto de vista metodológico, visando ao estudo da paisagem, a contribuição de Cosgrove, compartilhada com Stephen Daniels (1988), está focalizada na iconografia da paisagem. Apoiam-se em Erwin Panofsky, o historiador da arte que na primeira metade do século XX resgata do Renascimento as noções de iconografia e iconologia. O ponto de partida é considerar as obras de arte e a paisagem, acrescentam Cosgrove e Daniels, como textos codificados a serem decifrados por aqueles que conhecem a cultura do lugar onde a obra de arte foi produzida. Segundo Panofsky, há no processo de decifrar uma obra de arte três momentos. O primeiro, por ele denominado de pré-iconografia, consiste em reconhecer os elementos visuais que compõem a obra de arte, enquanto no segundo, a iconografia propriamente dita, as relações entre aqueles elementos são estabelecidas, obtendo-se uma primeira interpretação. O terceiro momento é aquele no qual, com base no conhecimento da cultura local por meio de métodos diversos, obtém-se os significados intrínsecos à obra de arte. Trata-se da iconologia. Consulte-se a respeito Panofsky (2004/1939).

Atkinson e Cosgrove (1998) fornecem, eles mesmos, um exemplo centrado na iconografia/iconologia. Os autores analisam o contestado monumento dedicado a Vittorio Emanuele II, o primeiro rei da Itália unificada, inaugurado em 1911. Impregnado de simbolismo, o “altar da nação”, como se pretendia defini-lo, descreve por meio de sua iconografia uma heroica narrativa da história italiana, envolvendo o grandioso passado imperial, a diversidade do



território, a bravura de seus soldados, a unidade nacional, efetivada em 1861, e o caráter laico do Estado italiano. A força simbólica deste monumento, argumentam Atkinson e Cosgrove, reside também em sua estratégica localização no espaço romano. Localiza-se nas proximidades do Capitólio e dos setores medieval e do século XIX da cidade, além de sua visibilidade e acessibilidade face à cidade. Estes atributos locais e a iconografia que exibiam transformariam o monumento em ponto focal, via discursos e transmissão radiofônica, do fascismo.

Atkinson e Cosgrove contribuem para o fortalecimento de uma linha de pesquisa que durante a década de 1990 atraiu inúmeros geógrafos. Consulte-se Corrêa (2005) que resgata e analisa muitos desses textos calcados na iconografia da paisagem.

O estudo de Atkinson e Cosgrove reafirma a tese de que “a geografia está em toda parte”. Ao mesmo tempo evidencia que o estudo da paisagem pode ser geograficamente realizado em várias escalas espaciais, desde uma região, cidade ou bairro a um monumento pontual. O estudo em tela, finalmente, reforça a importância das interpretações calcadas na análise iconográfica, para a geografia da paisagem.

#### COSGROVE E SAUER

Estabelecamos agora um breve confronto entre Denis Cosgrove e Carl Sauer. Se a ruptura anteriormente mencionada ocorreu, verificou-se também continuidade na compreensão da paisagem. Deste modo Denis Cosgrove e Carl

Sauer estão entre aqueles que efetivamente contribuíram para o tema em questão. Se Sauer (1998/1925) deixou um enorme legado ao enfatizar a gênese e a morfologia da paisagem, a contribuição de Cosgrove não foi menor ao reconhecer a paisagem como representação espacialmente delimitada. Reconhecemos que os avanços efetivados por Cosgrove e outros dependeram da obra saueriana, pois o interesse pelo simbolismo dificilmente apareceria sem o conhecimento da gênese e da morfologia da paisagem. Consideramos, adicionalmente, Meinig como um mediador involuntário entre Sauer e Cosgrove. Isto não desmerece a contribuição de Cosgrove: apenas reafirma a tese da ruptura e da continuidade do conhecimento científico.

#### 4. AS IMAGENS

Em Los Angeles, Cosgrove, ampliou muito o seu horizonte de pesquisa, ampliação que o levou a olhar para toda a superfície da Terra. Trata-se tanto de mudança de escala espacial como de tema e período. Com sua longa experiência, Cosgrove poderia ter permanecido realizando estudos de geografia histórica cultural, considerando agora, por exemplo, a paisagem californiana entre 1800 e 1860, quando a Califórnia passa por profundas transformações políticas, econômicas e culturais, deixando de vincular-se a uma formação social, de cunho hispano-mexicano, passando a integrar outra formação em emergência, a norte-americana, embora culturalmente híbrida. Em vez de privilegiar uma formação social em mutação e seu impacto na

paisagem, Cosgrove realiza um grande e bem sucedido voo, sem, contudo, deixar de refletir sobre Veneza e o Renascimento. A Califórnia não foi deixada de lado, como já apontado, mas considerada em sua urbanização (Cosgrove, 2006). Ampliação e continuidade fazem parte do perfil intelectual de Cosgrove. E a ampliação realimenta reflexões sobre temas do passado, as quais, por sua vez, suscitam novas indagações em outros contextos espaçotemporais. Mas agora não são as descobertas técnicas e as novas concepções do Renascimento que atraem Cosgrove, mas os avanços da ciência moderna que o levaram a novos horizontes.

Como geógrafo, Cosgrove tinha nas imagens, enquanto representações iconográficas, cartográficas, por meio de pinturas, fotografias e imagens de satélite, assim como da paisagem cultural, verdadeiras e ricas fontes de pesquisa e reflexão. Esse interesse manifestou-se na Inglaterra, efetivou-se na Veneza renascentista e ampliou-se na Califórnia. Cada lugar atuou ativamente na trajetória de Cosgrove, levando-o a exteriorizar a sua forte sensibilidade geográfica.

As imagens são para Cosgrove textos a serem decodificados e não formas que transmitem mensagens direta e imediatamente apreensíveis. Todavia, ao mesmo tempo, as imagens são construídas pelo geógrafo que, a partir de sua visão de mundo, para a qual a imaginação desempenha papel crucial, constrói representações sobre um dado aspecto da realidade.

Na introdução de "Mappings" (1999b), Cosgrove argumenta que a cartografia cultural vai além dos números e está liberada da pretensa

exatidão dos mapas, pois estes são representações impregnadas de valores. Nesse sentido, Cosgrove incorpora as ideias de Harley (1991) ao "desconstruir" o mapa. Segundo Cosgrove, os mapas devem incluir, além de representações derivadas de números, tudo aquilo que é "lembrado, imaginado e contemplado (...) material ou imaterial, real ou desejado, do todo ou da parte (...) vivenciado ou projetado" (p. 2).

É possível, assim, construir "mapas de significados" em toda a acepção da expressão, ampliando o escopo da geografia cultural. Veja-se, adicionalmente, Lilley (2000) que também discute a produção de mapas culturais.

A globalização em suas múltiplas leituras tem como uma de suas mais significativas imagens a da esfera terrestre, o globo, argumenta Cosgrove em *Appolo's Eye* (2001a), livro que surge da conferência no âmbito de exposição fotográfica contendo imagens de satélite. Cosgrove resgata as ideias construídas no mundo ocidental a respeito da forma da Terra e as implicações das diversas concepções criadas desde a mitologia greco-romana, passando pelo Renascimento e chegando ao final do século XX com as imagens de satélite. Sua intenção é revelar as profundas raízes do pensamento ocidental sobre a Terra, raízes expressas em ricas cosmografias (Cosgrove, 2001a). Trata-se de uma genealogia cartográfica, uma particular geografia histórico-cultural em escala planetária.

*Photography and Flight*, publicado postumamente em 2009, em coautoria com William Fox, dá continuidade a *Appolo's Eye* por tratar também da genealogia, mas agora das

fotografias da Terra tiradas do alto. A primeira delas remonta a 1860 e foi tirada a bordo de um balão, mostrando as ruas e os quarteirões da cidade de Boston. As guerras geraram o desenvolvimento da aviação e das máquinas fotográficas, que tornaram possível a obtenção de fotos mais acuradas e com maior alcance. O sensoriamento remoto possibilitou um avanço ainda maior. Desenvolvimento tecnológico e controle do espaço dão continuidade às invenções renascentistas, visando aos mesmos propósitos. Como no Renascimento, as invenções como a fotografia podem assumir um caráter de arte.

Este livro resgata, em outras escalas e por outros meios, o antigo interesse de Cosgrove pela paisagem, uma paisagem em escala impensável nos séculos XV e XVI. Parafraseia-se Cosgrove afirmando-se que a geografia expressa-se em todas as escalas.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS \_\_\_\_\_

A geografia produzida por Denis Cosgrove está magistralmente inscrita na história do pensamento geográfico. Suas contribuições originais sobre a paisagem e as imagens tornaram a sua obra referência básica para todos aqueles - geógrafos ou não - que se interessam pela espacialidade humana, da qual a paisagem e as representações do espaço constituem expressões fundamentais.

Paisagem da classe dominante, paisagens emergentes, residuais e excluídas, paisagem do consumo, paisagem como "modo de ver", as representações da paisagem em diversas escalas,

são alguns dos termos e modos com que Cosgrove cria significados para este objeto que está em toda parte e do qual todos participamos como atores, com papéis distintos mas inequivocamente associado a ele.

#### Principais Trabalhos de Denis Cosgrove

- Place, Landscape and the Dialectics of Cultural Geography. *Canadian Geographer*, 22(1), 1978.
- John Ruskin and the Geographical Imagination. *Geographical Review*, 69(4), 1979.
- The Myth and the Stones of Venice: The Historical Geography of a Symbolic Landscape. *Journal of Historical Geography*, 8(2), 1982.
- Towards a Radical Cultural Geography. *Problems of Theory Antipode*, 15(1), 1983. Traduzido e publicado em R.L. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- Social Formation and Symbolic *Landscape*. Londres: Croom Helm, 1984, 2ª edição em 1998.
- Prospect, Perspective and the Evolution of Landscape Idea. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 10(1) NS, 1985.
- New Directions of Cultural Geography. *Area*, 19(2), 1987. Em colaboração com Peter Jackson. Traduzido e publicado em R.L. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z

- (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- *The Iconography of Landscape*. Essays on the Symbolic Representation, Design and Use of Past Environments. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. (Coorganizado com Stephen Daniels).
  - Geography is Everywhere: Culture and Symbolism in Human Landscape. In: GREGORY, D.; WALFORD, R. (orgs.). *New Horizons in Human Geography*. Londres: McMillan, 1989. Traduzido e publicado em R.L. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
  - Platonism and Practicality: Hidrology, Engineering and Landscape in Sixteenth Century Venice. In: COSGROVE, D.; PETTS, Geoff (orgs.). *Water, Engineering and Landscape: Water Control and Landscape Transformation*. Londres: Wiley, 1990a.
  - Environmental Thought and Action: Pre-modern and Post-modern. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 15(1) NS, 1990b.
  - Mapping New Worlds: Culture and Cartography in Sixteenth Century Venice. *Imago Mundi*, 44, 1992.
  - Author and Authority in Writing the New Cultural Geography. In: DUNCAN, J.S.; LEY, D. (orgs.). *Place/Culture/Representation*. Londres: Routledge, 1993a. (Em colaboração com Mona Domosh).
  - *The Palladian Landscape*. Geographical Change and its Cultural Meanings in Sixteenth Century Italy. Londres: Leicester University Press, 1993b.
  - Spectacle and Text. Landscape Metaphors in Cultural Geography. In: DUNCAN, J.S.; LEY, D. (orgs.). *Place/Culture/Representation*. Londres: Routledge, 1993c. (Em colaboração com Stephen Daniels).
  - Worlds of Meaning: Cultural Geography and the Imagination. In: FOOTE, K.; HUGILL, P.; MATHEWSON, K. (orgs.). *Re-Reading Cultural Geography*. Austin: University of Texas Press, 1994. Traduzido e publicado em R.L. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (orgs.). *Geografia Cultural: Um Século (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
  - Landscape and Identity at Ladybower Reservoir and Rutland Water. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 21(9) NS, 1996. (Em colaboração com B. Roscoe e S. Rycraft).
  - Urban Rhetoric and Embodied Identities: City, Nation and Empire at Vittorio Emanuele II Monument in Rome, 1870-1945. *Annals of the Association of American Geographers*, 88(1), 1998. (Em colaboração com David Atkinson).
  - Geografia Cultural do Milênio. In: R.L. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a. Conferência proferida no 1º Encontro Nacional sobre Espaço e Cultura, outubro de 1998. NEPEC/UERJ, Rio de Janeiro.
  - *Mappings*. Londres: Reaktion Books, 1999b (organizador).

- La Géographie Culturelle et la Signification du Millenaire. *Géographie et Cultures*, 31, 1999c.
- Empire in Modern Rome: Shapping an Remembering and Imperial City. In: DRIVER, F.; GILBERT, D. (orgs.). *Imperial Cities: Landscape, Display, Identity*. Manchester: Manchester University Press, 1999d. (Em colaboração com D. Atkinson e A. Notaro).
- Liminal Geometry and Elemental Landscape: Construction and Representation. In: CORNER, J (org.). *Recovering Landscape*. Princeton: Princeton University Press, 1999e.
- Millenial Geographies. *Annals of the Association of American Geographers*, 90(1), 2000a. (Em colaboração com Luciana Martins).
- Global Illumination and Enliglitenment in the Geography of Vincenzo Coronelli e Athanasius Kircher. In: WITHERS, C.; LIVINGSTONE, D. (orgs.). *Enlightenment Geographies*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000b.
- *Appolo's Eye: A Cartography Genealogy of the Earth in the Western Imagination*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001a.
- Geography's Cosmos: The Dream and the Whole Round Earth. In: TILL, K.; HOELSCHER, S.; ADAM, P. (orgs.). *Textures of Place*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001b.
- Observando la Naturaleza: El Paisage y el Sentido Europeo de la Vista. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, 34, 2002.
- *Geographical Imagination and the Authority of Images* (Hettner Lecture, 2005). Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006a.
- Modernity, Community and the Landscape Idea. *Journal of Material Culture*, 11 (1-2), 2006b.
- Renaissance Cosmography, 1450-1650. In: WOODWARD, D. (org.). *The History of Cartography*, vol. 3. Renaissance Cartography. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.
- *Geography and Vision: Seeing, Imagining and Representing the World*. Londres: I.B. Tauris, 2008.
- *Photography and Flight*. Londres: Reaktion Books, 2009. (Em colaboração com William Fox).

#### BIBLIOGRAFIA

BERQUE, A. Paisagem – Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, [1998] 1981.

CAPEL, H. *Filosofia y Ciencia en la Geografia Contemporanea*. Barcelona: Barcanova, 1981.

CASSIRER, E. *A Filosofia das Formas Simbólicas*, vol. 1 A Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, [2001] 1923.

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagens, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CORRÊA, R.L. Monumentos, Política e Espaço. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L.; (orgs.). *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

\_\_\_\_\_. Homenagem Póstuma a Denis Cosgrove (1948-2008). *Espaço e Cultura*, 25, 2009.

- DUNCAN, J.S. *The City as Text: The Politics of Landscape Interpretation in the Kandian Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. Após a Guerra Civil: Construindo a Geografia Cultural como Heterotopia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: Um Século* (2). Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000.
- \_\_\_\_\_. O Supra-Orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003 (1980).
- DUNCAN, N. ; SHARP, J.P. Confronting Representations. *Environment and Planning D, Society and Space*, 11, 1993.
- GOMES, P.C.C. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HALL, S. *Representations*. Cultural Representations and Signifying Practices. Londres: Sage Publications, 1997.
- HARLEY, J.B. Deconstructing the Map. In: BARNES, T.; DUNCAN, J. S. (orgs.). *Writing Worlds: Discourse, Text and Metaphor in the Representation of the Landscape*. Londres: Routledge, 1991.
- JACKSON, P. *Maps of Meaning*. Londres: Routledge, 1989.
- Lilley, K.D. Landscape Mapping and Symbolic Form – Drawing as a Creative Medium in Cultural Geography. In: COOK, I.; CROUCH, D. ; NAYLOR, S. ; RYAN, J. (orgs.). *Cultural Turns/Geographical Turns*. Perspectives in Cultural Geography. Harlow: Pearson Education Limited, 2000.
- \_\_\_\_\_. Denis Cosgrove. In: HUBBARD, P.; KITCHIN, R.; VALENTINE, G. (orgs.). *Key Thinkers on Space and Place*. Londres: Sage, 2004.
- \_\_\_\_\_. Denis Cosgrove – 1948-2008. *Social and Cultural Geography*, 10(2), 2009.
- LOWENTHAL, D. Professor Denis Cosgrove: Cultural and Historical Geographer. *The Independent*, 8 de abril de 2008.
- MEINIG, D. (org.). *The Interpretation of Ordinary Landscape*. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. O Olho que Observa: Dez Versões da Mesma Cena. *Espaço e Cultura*, 13, 2002 (1976).
- MITCHELL, D. Stuart Hall. In: HUBBARD, P.; KITCHIN, R.; VALENTINE, G. (orgs.). *Key Thinkers on Space and Place*. Londres: Sage, 2004.
- MITCHELL, D.; BREITBACH, D. Raymond Williams. In: HUBBARD, P.; KITCHIN, R.; VALENTINE, G. (orgs.). *Key Thinkers on Space and Place*. Londres: Sage, 2004.
- OLWIG, K. Recovering the Substantive Nature of Landscape. *Annals of the Association of American Geographers*, 86(4), 1996.
- PANOFSKY, E. Iconografia e Iconologia: Uma Introdução ao Estudo da Arte na Renascença. In: *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, Série Debates, 2004 (1939).
- ROWNTREE, L. e CONKEY, M.W. Symbolism and the Cultural Landscape. *Annals of the Association of American Geographers*, 70(4), 1980.
- SAUER, C.O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 (1925).
- SCHULMAN, N. O "Centre for Contemporary Cultural Studies" da Universidade de Birmingham: Uma História Intelectual. In: DA SILVA, T.T. (org.). *O Que é Afinal Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- WHITE, L. Leslie White. In: BOHANNAM, P.; GLAZER, M. (orgs.). *High Points in Anthropology*. New York: Alfred Knopf, 1973 (1949).

ABSTRACT: THE TEXT AIMS TO BRING FORWARD AN ASSESSMENT THAT SHOULD WAIT A FEW MORE YEARS TO DO JUSTICE TO THE WORK OF DENIS COSGROVE (1948-2008). HIM, BY HIS PASSION FOR GEOGRAPHY, MAINTAINED HIS ROLE IN THE DISCIPLINE THAT WILL BE DISCUSSED IN THIS TEXT, THROUGH A BRIEF PRESENTATION ON COSGROVE AND HIS CONTRIBUTIONS. THUS, AS ALSO DISCUSSED THE ISSUE OF WHICH THE SO-CALLED NEW CULTURAL GEOGRAPHY, AND OTHER THEMES EMERGE MOST RECENT.

KEYWORDS: DENIS COSGROVE, NEW CULTURAL GEOGRAPHY, LANDSCAPE AND IMAGES.